

**A CRIANÇA COMO DEVORADORA DE MUNDOS – ENTRE O REAL E O FICCIONAL:
UMA CONVERSA ENTRE INFÂNCIA, IDENTIDADE, ARTE E ANTROPOFAGIA**

**CHILD AS A WORLD DEVOUR BETWEEN THE REAL AND THE FICTIONAL: A TALK
BETWEEN CHILD, IDENTITY, ART AND ANTHROPOPHAGY**

Diogo Raimundo Rodrigues Santos¹

Antônio Máximo Gomes Ferraz²

Resumo: A perspectiva desse artigo é pensar a infância como um fenômeno artístico e antropofágico que acontece na jornada vida. Neste sentido, no percorrer poético deste estudo, adentramos na infância como em um banquete poético de questões que nos convida para devorar os mundos e as realidades, pois a criança é aquela que se alimenta da arte, da cultura e do social que são questões que não se esgotam e nem exaurem o pensar, ela encarna o fazer artístico e dança com a vida, sendo uma criatura privilegiada que transita entre o real e a ficcional não como realidades distintas, mas como um mundo uno e poético. Nesta senda, acreditamos que a criança é aquela que devora enquanto se forma, e é nesta nascente da qual brota toda a possibilidade da existência como acontecer ficcional e antropofágico que acontece o fenômeno da infância.

Palavras-chave: Criança. Ficção. Real. Antropofagia. Arte.

Abstract: The perspective of this paper is to think of childhood as an artistic and anthropophagic phenomenon that happens in the life journey. In this sense, in the poetic course of this study, we enter into childhood as a poetic feast of questions that invites us to devour the worlds and realities, because the child is the one who feeds on art, culture and the social that are issues that neither exhausting nor exhausting thinking, she embodies the artistic doing and dances with life, being a privileged creature that moves between the real and the fictional not as distinct realities, but as a one and poetic world. In this path, we believe that the child is the one that devours while forming, and it is in this spring from which springs all the possibility of existence as a fictional and anthropophagic happening that happens the phenomenon of childhood.

Keywords: Child. Fiction. Real. Anthropophagy. Art.

Introdução

A criança é um ser em formação, e nesta travessia ela sente fome e devora tudo aquilo que está a sua frente, construindo assim sua identidade ou identidades. A infância é o lugar mágico onde acontece o fenômeno do ser criança, e é este ser que consegue devorar os mundos da realidade e da ficção e que tem o poder de plasmar o real a partir de um nada criativo. A lógica canibal possui a criança e ela vai

¹ Professor na Rede Municipal de Ensino de Ananindeua. Mestrando em Estudos Literários, Universidade Federal do Pará (UFPA). Coordenador do Grupo de Estudos em Fantasia, Heroísmo, Infância e Sagrado (GEFHIS). Pesquisador do Núcleo Interdisciplinar Kairós (NIK) vinculado ao Instituto de Letras e Comunicação (UFPA). E-mail: diogorod77@gmail.com

² Doutor em Teoria Literária, Professor Adjunto, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós- Graduação em Letras, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Pará (UFPA). Coordenador do NIK, grupo de pesquisa que atualmente desenvolve o projeto: O educar poético e a existência como obra de arte em Ser e Tempo, de Martin Heidegger. E-mail: profmaximoferraz@gmail.com

devorando o outro e a si mesma nesse processo poético-antropofágico. Se ser possesso significa deixar-se tomar, então a criança é aquela que é possuída pela fome e neste ato de devorar ela não só destrói, mas constrói, e especialmente... cria, pois a expressão criança vem do latim *criare*, que é da mesma raiz dos termos “criação” e “criatividade”, assim, podemos entender poeticamente que a criança é um pequeno deus com a capacidade de criar e devorar mundos, e neste banquete artístico do viver ela joga e brinca com a vida: “A criança é uma artista e, seu ateliê, seu espaço de arte, é o jogo, é a brincadeira”. (SOMMERHALDER, 2011, p. 7).

Na esteira da infância a criança percorre caminhos e nestes encontra questões. Mas o que é uma questão? Quando olhamos um problema matemático, não estamos lidando com uma questão, nesta disciplina o que impera é a exatidão e objetividade, mas uma questão não trabalha este método. Como defende Ferraz:

Uma questão é diferente de um problema. Se me perguntam quanto são dois mais dois, para esta pergunta há uma resposta definitiva: são quatro. Trata-se de um problema, e por isso tem uma resposta que o define. Entretanto, se me perguntam: o que é o homem? O que é o real? O que é a verdade? O que são a vida, a morte, o tempo? Para estas perguntas não há respostas definitivas, respostas que dêem fim ao perguntar. (FERRAZ, 2015, p. 1-2).

Assim, neste artigo caminharemos em direção à infância como fonte primeira de toda fazer artístico e que se dá na mesma dinâmica em que para criar, a criança precisa devorar mundos, sejam eles reais ou ficcionais, e nesse processo ela forma, deforma, destrói e constrói a si mesma, sua identidade. A criança é arteira e como obra de arte viva e pulsante, ela manifesta a beleza do humano e da humanidade com as questões que eclodem no pensar e pintar da realidade que a cerca e das realidades que cria. A criança é o começo de tudo... e ao mesmo tempo é o interlúdio do nada, e neste nada ela devora e cria, enquanto cresce e floresce. Ela dança em uma ciranda mágica enquanto encanta e declama poemas vivos repletos e plenos de jactância, a esperança é o núcleo que movimenta a vida da criança, e são essas as questões que norteiam este texto.

1 A relação criança, arte, identidade e antropofagia

“Pensar é estar doente dos olhos” (CAEIRO, 2012, p. 14), como já dizia o poeta, e a criança segue a lógica de Caetano, na verdade a criança pensa, mas não como os adultos, ela é aquela que salta dos e entre os mundos da realidade e da ficção enquanto os devora. A criança é essencialmente canibal, pois se alimenta de outras crianças e de outros seres reais ou imaginários e desta ação antropofágica ela se desvela como artista por natureza, daí não dá para dizer quem veio primeiro, se a criança ou a arte. O pequenino se lança no abismo do não-saber e não se angustia com o mistério do amanhã, pois ele sabe

que aquilo que lhe sobrevirá será destino, e a este só lhe cabe o papel de obedecer, mas o que seria esta obediência?

A liberdade no interpretar – a liberdade a que nos convida a obra – é, assim, ser obediente às questões que ela opera e desvela na sua peculiar experiência poética de real. A palavra obedecer vem de *ob-audire*, colocar-se em posição (*ob-*) de escuta (*audire*). Obedecer é essencialmente saber escutar o que se diz. No caso do intérprete das obras de arte, saber escutar o silêncio que elas põem em obra, permitindo-lhe a eclosão de novos e originários sentidos do real. (FERRAZ, 2014, p. 125-126).

A criança é uma devoradora da obra de arte chamada vida, ela embarca em uma jangada, sem saber qual destino a providência lhe trará, e é no silêncio desta travessia que ela escuta o próprio, que descobre sua identidade, contudo, ao mesmo tempo é no diálogo com e no devorar o outro que ela aprende mais sobre quem é. Os porquês fazem parte do fazer artístico do infante, e ele é aquele que é julgado por não saber falar (da expressão latina *infantia*: aquele que não sabe falar), no entanto é neste não saber que se dá a busca pela verdade, e é neste fazer arteiro e infantil que a criança faz da vida uma poesia viva, como afirma Noyama:

[...] a criança acerta na poesia porque ainda não está coberta de gramática, porque ainda não aprendeu a colocar a correção no lugar da verdade. Mas a verdade nada tem a ver com correção. A verdade é o acontecer, e a poesia a diz, ainda que com isso possa ferir os sisudos catálogos analíticos das gramáticas. (NOYAMA, 2014, p. 206).

Quem nasceu primeiro, a criança ou a arte? A criança joga, brinca e se alimenta com essas essas questões, ela faz arte quando atua no mundo da matéria, mas também neste agir poético ela devora a realidade enquanto cria os seus próprios mundos na dimensão do ficcional, e este jogo é um permanente e constante devorar e criar seja na esfera do real ou do fantástico. Na verdade a criança não divide o mundo em castas como real e ficcional, verdadeiro e fantasioso, para ela o mundo é um só, essa divisão (e confusão por assim dizer) é criada pela cabeça do adulto, que julga, avalia e pesa as coisas úteis ou inúteis. É relevante pensarmos nisso, senão pode enfim acontecer o fim do(s) mundo(s) narrado no *Apocalypse*, pois como nos ensina o poeta-pensador Guimarães Rosa “Minha Senhora Dona: um menino nasceu – o mundo tornou a começar!...” (ROSA, 1994, p. 669). Na verdade, a vida é um jogo de pega-pega de uma criança arteira que acabou de nascer e chorar... e este choro só é saciado quando a criança se alimenta de sua própria mãe, o primeiro canibal é o recém-nascido.

2 A leitura como um ato antropofágico-artístico da criança

Ler ou não ler? Eis a questão. A leitura é uma expressão do educar, uma face da arte e também um ato antropofágico, ler não significa apenas decifrar códigos ou compreender uma língua, o mundo é uma grande tela misteriosa pronta para ser questionada, e senão desvendamos o enigma de nossa vida, então

somos devorados como nos mostra o mito da Esfinge, mas o ser devorado não é o fim, pode ser o começo. A obra japonesa *Grimms Notes*, conta a história de pessoas que tem o destino escrito em um livro misterioso, mas há aqueles que tem o seu livro do destino em branco, esses são marginalizados e olhados com desconfiança, ao mesmo tempo em que tem a angústia do mistério de saber qual a sua jornada. O protagonista desta obra é uma criança que tem o seu livro do destino em branco, mas como ler aquilo que não está escrito? Como saber a própria dita se letras mágicas não narram sua fortuna? A criança é este ser afortunado, que tem a oportunidade no tempo oportuno de escrever o próprio itinerário e de ler a própria sorte. Se “o leão é feito de carneiro assimilado”, como diz Paul Valéry, então a criança também é as obras que devora, pois isso se dá a relevância de se pensar cada vez mais políticas públicas que incentivem a leitura da criança. Ler o destino, escutá-lo, não é abrir mão da liberdade, leitura é: liberdade, destino e interpretação. É assim que se forma a identidade do humano, e tudo começa na infância, quando é dada a criança a liberdade para se alimentar, ler e interpretar a própria vida.

O interpretar está inscrito em seu ser: é porque o homem pode interpretar as coisas de diferentes maneiras que ele é livre. Ser interpretação não é uma escolha que dependa da vontade humana. Ao contrário, esta condição ontológica já lhe foi destinada para que seja o que é: homem, um ser que interpreta, e que por isso é livre. Paradoxalmente, sua liberdade é destino. (FERRAZ, 2014, p. 103).

A criança lê e devora o mundo a sua volta artisticamente, vendo a beleza e o bem em cada ser vivo, em cada coração que pulsa. É no viés da vida que a criança lê o mundo, na sua imaginação tudo tem ou ganha vida. A criança leitora “no ato de ler [...] destrói, devora a substância lida, como o fogo devora a lenha na lareira” (LAGES, 2007, p. 137). A criança lê o céu, o mar, as estrelas e também poesia; contudo, sua leitura é cheia de vida, mas o que é a vida?

Não podemos delimitar, definir a vida. Isso implica dar-lhe um limite, um acabamento, um esgotamento, ou seja, negar o que *vida* (agora sem o artigo definido) é: perpétua doação, eterno principiar de tudo. *Tudo*. Pois não há nada fora dela que já não seja nela, ou melhor, que já não a seja – mesmo a morte, principalmente a morte, que lhe dá e lhe é o sentido, o princípio, a fonte, a corrente, o mar dos rios-viventes. Como instante de geração, vida tem de abranger o ainda não vivido, o não vivente, ou o que já não mais se vive e – morto – consagra a morte como *possibilidade da possibilidade* de devir. (FAGUNDES, 2014, p. 254).

A criança não lê o universo classificando ou categorizando em bem e mal, mentira e verdade, para ela a aventura está na travessia poética da existência. Ela brinca, pinta e vive enquanto aprende poeticamente sobre si e o outro. Quando olhamos para a obra *L'Enfant à l'Orange*, de Van Gogh, nesta tela vemos uma criança com uma laranja, na festa cristã do natal celebramos o advento de uma criança ao mundo, Talvez seja de se espantar que haja tanto alvoroço no mundo inteiro por causa de uma criança. E o mais estranho e belo em tudo isso é que esse ser infante, que não sabia nem ao menos falar, foi e é o maior símbolo de esperança dos homens. Mas José Saramago já dizia "o homem mais sábio que já

conheci não sabia ler e nem escrever". E Rosa já cantava que "quando um menino nasce, o mundo torna a começar". A criança do quadro, o menino de Rosa, e a criança do natal talvez sejam a mesma criança, e talvez a "eterna criança" que acompanhava Alberto Caeiro, e ao mesmo tempo todas as crianças do mundo. E "quem não se tornar como uma criança jamais poderá herdar o reino dos céus". A vida, do princípio ao fim, é um constante jogo infantil, uma festa de natal perpétua porque todos os dias nasce um novo artista-criança.

3 A criança, a arte e as questões

A criança brinca com as questões, faz arte com elas e se nutre delas, as principais questões com as quais uma criança naturalmente arteira se alimenta são a realidade e a ficção.

A criança faz arte com a realidade e a ficção. Quando discorremos sobre realidade nos remetemos a uma questão ontológica, pensada durante a história do homem, porém, elucidada com mais força a partir da filosofia grega. Heidegger (1989) discute esse conceito como "um problema ontológico" (p.273), que desencadeia uma série de fenômenos, pressuposições e investigações. A principal pergunta que norteia essa questão é: o que é realidade? Habitualmente, entendemos realidade como aquilo que nos é palpável, e a própria lógica marxista-materialista nos ensina na academia que real é aquilo que vemos. Comumente é possível ler ensaios, revistas e livros que trabalham com conceitos cristalizados do que são as coisas. Mas a criança, é aquela que transita entre realidade e ficção, para ela não são mundos diferentes, mas um só. Embora seja ordinário ler textos que abordam os fenômenos ou processos a partir do ponto de vista do senso comum (textos escritos por adultos), óbvio ou habitual, a criança é aquela que lê o mundo com um olhar mágico, como se tudo fosse uma grande brincadeira, assim é possível perceber que não se deve apenas ensinar o pequeno homem, mas também aprender com ele. Nesta esteira de discussões, pensamos os conceitos de realidade e ficção, mas não de uma forma barata. Geralmente se compreende que ficção/realidade são antípodas, assim, comumente se trabalha com o verdadeiro/falso, essência/aparência e outros similares. A título de ilustração citaremos um trecho da obra *Bem-vindo ao deserto do Real!* do filósofo esloveno Slavoj Žižek:

Numa antiga anedota que circulava na hoje falecida República Democrática Alemã, um operário alemão consegue um emprego na Sibéria; sabendo que toda correspondência será lida pelos censores, ele combina com os amigos: 'Vamos combinar um código: se uma carta estiver escrita em tinta azul, o que ela diz é verdade; se estiver escrita em tinta vermelha, tudo é mentira'. Um mês depois, os amigos recebem uma carta escrita em tinta azul: 'Tudo aqui é maravilhoso: as lojas vivem cheias, a comida é abundante, os apartamentos são grandes e bem aquecidos, os cinemas exibem filmes do Ocidente, há muitas garotas sempre prontas para um programa – o único senão é que não se consegue encontrar *tinta vermelha*'. (ŽIZEK, 2003, p.15).

Nesta perspectiva, é comum ver essa oposição sempre que se fala de realidade e ficção, no entanto, mergulhamos aqui em um mar poético, onde ficção e realidade são peças de um mesmo quebra-

cabeça, ousamos pensar como e com as crianças, para além deste sentido dicotômico, pois existe um diálogo bem evidente entre vida real e ficção, como explica Brait falando sobre a relação do leitor com a obra de ficção:

Curiosamente, esses mesmos leitores que acreditam separar com clareza a vida da ficção, mesmo que muitas vezes apreciem mais a ficção que a vida, teriam algumas dificuldades para negar que já se surpreenderam chorando diante da morte de uma personagem. (BRAIT, 1985, p. 8-9).

O conceito de realidade não é algo simples como comumente se difunde, e não é nossa pretensão simplificá-lo. Para Heidegger, “a possibilidade de uma análise ontológica suficiente da realidade dependerá do alcance em que se esclarecerá em seu próprio ser aquilo de que se deve tornar independente e aquilo que deve ser transcendido” (1989, p. 268). Desta feita, esta tarefa não é uma das mais fáceis. Mas sabemos que o caminho “largo e espaçoso conduz à perdição”, por isso, escolhemos a “porta estreita que conduz à vida” (Mateus 7:13-14). Heidegger persegue essa questão da realidade em todas as suas obras como um problema ontológico. Para o alemão, a realidade seria a essência do real, e ela se daria na possibilidade de acesso ao real (1989, p. 268). Nesta direção, é possível compreender que tanto na ficção, quanto na realidade, há a presença da criança, que brinca e joga com a vida. O pequeno ser que chamamos de criança é o acontecer poético e vivo do humano, e onde há o homem, há a abertura para questões, para se questionar a vida, a morte, o destino... Assim sendo, podemos inferir que existe muita realidade na ficção quando o leitor se identifica com a obra e exclama: mas eu também sou assim! Se não definimos ou fechamos um conceito de realidade, é por que talvez não seja possível fazê-lo sem cair no risco de reducionismo, ortodoxismo e autoritarismo como o fazem diversos autores da literatura ou da psicanálise como H.J.Eysenck (1968), que em sua obra clássica *Fato e Ficção na psicologia*, já traz em seu título a sugestão de um tratado dicotômico sobre a questão. No entanto, não é nesta abordagem que pensamos e que desenvolvemos nosso entendimento neste texto, mas caminhamos na seguinte estrada.

Pretender ter definido a realidade é tarefa perigosa. Tal pretensão vem acompanhada nem sempre de modo disfarçado, da tentativa de imposição e controle. Qualquer intento de definição da realidade é ademais, fadado ao fracasso, pois ela não se deixa confinar em conceitos. Ela é uma questão que nunca cessa de interrogar o homem. Mas então, é o homem que interroga e procura a realidade ou é a realidade que o interroga e procura? Se a realidade não pode ser definida, isso não é uma indigência. É antes, uma riqueza, pois dela provêm todas as procuras. (CASTRO, 2014, p. 211).

A respeito da ficção, não pensamos este conceito na perspectiva usual e dicotômica de oposição à realidade. Mas acreditamos que ficção como afirma sua etimologia é “*fingere*, isto é, plasmar, moldar a

realidade, e não mentira ou falsidade”³. Então serão nestes sentidos ônticos que discutimos realidade e ficção na infância. Durante as veredas poéticas que percorremos, olhando para as diferentes faces da criança como duas faces de uma mesma moeda que gira (assim como o mundo gira), elas acontecem e suscitam uma série de questões outras relacionadas e inerentes à existência humana. Duas das principais marcas da infância estão na presença do jogar e brincar com “a aventura e a vida cotidiana” (MORETTI, 2009, p. 205), isso dá às nossas crianças a possibilidade de brincar e jogar com a vida e plasmar esta realidade, permitindo a criação e a viagem a outros mundos, como esclarece Sommerhalder:

Essa é a magia do jogo, que encanta a criança (e também o adulto), que a leva a outros mundos, sem um rumo predeterminado, que lhe permite saborear o não saber, criar, recriar, concretizando em movimento, em ação, suas fantasias. (SOMMERHALDER, 2011, p. 7).

Neste caminho, defendemos que ficção não seja o oposto de realidade, pois a expressão vem do verbo latino *fingere* , que dentre vários sentidos significa “educar, reinventar o real, instaurar um novo mundo, significa retirar as máscaras que vestimos” (MATTOS, 2015, p.11). E é neste sentido, que pensamos a declaração Pessoa (1995) “o poeta é um fingidor” (*fingere*), antes de ser poeta, o trovador é humano, e parafraseando o literato português, “o ser humano é um fingidor” (alguém que plasma, molda a realidade) e é nesta dinâmica que as crianças realizam “passeios pelos bosques da ficção” (ECO, 1994).

Apostamos que pensar realidade e ficção para além do maniqueísmo seria refletir sobre a possibilidade de uma filosofia da literatura para além do bem e do mal (NIETZSCHE, 1992). Isso ainda é um desafio, mas acreditamos nele e em sua realização. Mesmo que a ideologia dominante ainda seja a de uma visão fragmentada da realidade em vez de holística, essa linha tênue está sendo cada vez mais abalada e questionada, até mesmo Žižek (2003), que entende realidade e ficção como opostos, ao discorrer sobre o 11 de setembro de 2001 e sua tragédia da destruição das torres gêmeas, assinala que a ficção pode ser uma possibilidade do real: “Quando ouvimos dizer que os ataques foram um choque absolutamente inesperado, que o Impossível inimaginável acabou acontecendo, deveríamos nos lembrar de outra catástrofe definitiva no início do século XX, o naufrágio do Titanic” (ŽIŽEK, 2003, p. 30). Assim sendo, parece-nos que até a ficção se desvelar como realidade do real, ela não é levada muito a sério (o que nos mostra como criança e ficção são semelhantes); mas a ficção nos mostra imagens da vida (GASS, 1971). E é neste jogo de pega-pega entre realidade e ficção que acontece a infância.

Considerações finais

³Extraído do artigo *Fernando Pessoa: a decisão sobre o sentido do ser*. Disponível em <<http://www.ciencialit.lettras.ufrj.br/garrafa9/antoniomaximo.html>>. Acessado em 10 de Maio de 2016.

Quando olhamos para crianças comendo, dançando e brincando... o que vemos? Crianças sendo crianças. Jogar, correr, ganhar, perder... parece que tudo isso é coisa de criança mas mesmo depois de “maduros” continuamos perseguindo a “Eterna Criança” (CAEIRO, 2012, p. 14) seja na paternidade, maternidade e em nós mesmos, é incrível como mesmo depois de “crescidos”, não gostamos de jogar e perder. Dialogamos neste texto sobre infância, antropofagia e arte, pois acreditamos que a criança é arteira por natureza, e é da sua essência o fazer arte e desenhar imagens que provocam o pensar questões sobre o homem, sua cosmovisão, si mesmo, seu destino e sobre o mundo, é disso que a criança se alimenta. Na verdade as crianças falam conosco, mesmo quando não queremos ouvi-las, elas gritam, e não há como fugir do choro ou do sorriso da vida viva acontecendo e pulsando diante de nós, elas se alimentam de nós e nos alimentam com vida e energia. Nós temos muito a ensinar, mas sobretudo, muito a aprender com as travessuras, brincadeiras, jogos e viagens de nossas crianças, precisamos principalmente reaprender a olhar, e a reinterpretar a vida como obra de arte, afinal de contas como nos ensina *O Pequeno Príncipe* “As pessoas grandes não compreendem nada sozinhas, e é cansativo, para as crianças, estar toda hora explicando” (EXÚPERY, 2001, p. 3).

Referências

- CAEIRO, Alberto. **O guardador de rebanhos**. Belém: Estudos Amazônicos, 2012.
- CASTRO, Manuel Antônio de et al. **Convite ao pensar**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2014.
- ECO, Humberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- EYSENK, H.J. **Fato e ficção na psicologia**. Tradução de Vera Mendonça. São Paulo: Ibrasa, 1968.
- EXUPÉRY, Antoine de Saint. **O Pequeno Príncipe**. 48 ed. Rio de Janeiro: Agir, 2001.
- FAGUNDES, Igor. **Vida**. *Convite ao pensar*. Manuel Antônio de Castro et al. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2014.
- FERRAZ, Antônio Máximo. **O homem e a interpretação: da escuta do destino à liberdade**. *O Educar Poético*. Manuel Antônio de Castro et al. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro. 2014.
- GASS, William H. **A ficção e as imagens da vida**. Tradução de Edilson Alkmim Cunha. São Paulo: Cultrix, 1971.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1989.
- LAGES, Susana Kampff. *Walter Benjamin: Tradução e melancolia*. São Paulo: Edusp, 2007.
- MATTOS, Célia Regina de Barros. **Quem disse que ficção é mentira?** Revista electrónica de los Hispanistas de Brasil. Vol. XVI, nº 63, 2015.

MORETTI, Franco. **O romance**: história e teoria. *Novos estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 85, p. 201-212, nov. 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**: Prelúdio a uma Filosofia do Futuro. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

NOYAMA, Samon. **Proposição**. *Convite ao pensar*. Manuel Antônio de Castro et al. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2014.

SOMMERHALDER, Aline. **Jogo e a educação**: muito prazer em aprender. Curitiba: CRV, 2011.

ŽIŽEK, Slavoj. **Bem-vindo ao deserto real!** Cinco ensaios sobre o 11 de Setembro e datas relacionadas. Tradução de Paulo César Castanheira. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

Recebido em: 05/06/2019

Aprovado em: 10/07/2019